

KARL LOEWITH —
ESFORÇO E TENTATIVA DE REGRESSAR
À DIMENSÃO ORIGINÁRIA GRECO-ROMANA

Roberto de Amorim Almeida

I) Introdução

Nós intitulamos propositalmente este estudo filosófico do seguinte modo: "Karl Loewith — Esforço e tentativa de regressar à dimensão originária greco-romana". Com esta denominação podemos também dizer que localizamos, isto é, situamos a posição loewitheneana em relação à problemática da dimensão originária da melhor maneira possível no contexto do pensar ocidental, pois nada é mais característico neste pensador que esta expressão ou este verbo regressar (*Rueckgehen*) (1). Este verbo no entanto não foi escolhido assim a *revelia*, mas nos diz literalmente como deve ter sido forte a influência exercida por parte de Martin Heidegger sobre este seu discípulo Karl Loewith. (2)

(1) A importância de tal expressão ou de tal verbo vê-se claramente, por exemplo, na INTRODUÇÃO de sua obra "Weltgeschichte und Heilsgeschehen". Cf. neste sentido K. Loewith, *Einleitung*, em: *Weltgeschichte und Heilsgeschehen. Die theologischen Voraussetzungen der Geschichtsphilosophie*, Stuttgart⁵ — (1967) esp. 12. Neste sentido deve ser observado o seguinte: esta obra foi originalmente escrita em inglês e publicada pela primeira vez pela editora da Universidade de Chicago (1949) sob o título "Meaning in History".

(2) Cf. a conferência realizada por Karl Loewith na Academia de Ciência de Heidelberg e publicada posteriormente pela Revista anual da mesma Academia. (1958/1959) 23.

Cf. também H. G. Gadamer, *Karl Loewith, zum 70. Geburtstag, em Natur und Geschichte*. Stuttgart (1967) 456.

É aconselhável dizer que neste sentido a nossa intenção não será apresentar uma detalhada análise das diferentes influências exercidas

Na verdade podemos também revelar esta posição, a posição loewitheneana em relação à dimensão originária através da cotnrovérsia existente entre Karl Loewith e seu antigo mestre Martin Heidegger e isto do seguinte modo: Loewith tenta regressar a uma dimensão denominada por este de dimensão greco-romana, ou melhor, a uma dimensão que significaria antes de tudo a infinita totalidade de um eterno repetir, negando assim todo um modo de pensar, o pensar escatológico, em suma: o pensar da tradição judaico-cristã, segundo ele, fundamentalmente relativo e subjetivo. (3)

Heidegger, ao contrário, aspira, regressando a uma dimensão originária, a dimensão do mundo pré-socrático, não somente superar uma determinada maneira de pensar, do pensar diferencial, mediativo, mas também a dimensão a este correspondente, isto é, a superação de uma dimensão que significa antes de tudo o esquecimento de que origem quer dizer, mais precisamente, da dimensão do pensar pós-sacrático, da tradição metafísica.

Tanto em Karl Loewith como em Martin Heidegger se encontram deste modo semelhanças fundamentais: ambos os pensadores vêem a história do pensamento ocidental, ou pelo menos parte deste, como a história de uma decadência, isto é, ambos procuram através de uma radical negação de tradição judaico-cristã ou através da superação da tradição metafísica, regressar à dimensão originária.

É necessário porém dizer também neste sentido que Karl Loewith entende a apreensão desta dimensão de uma maneira mais *direta*, mais *imediate* que Martin Heidegger, pois este, vamos repetir, apesar de sua tentativa de superar a tradição metafísica, atribui a esta dimensão esta decadência, ou melhor, esta decadência ao seu *destino*, à sua *essência*, e conse-

por parte de Martin Heidegger sobre seu discípulo Karl Loewith. Nosso principal objetivo neste estudo filosófico será antes de mais nada oferecer uma *curta*, porém *precisa* análise de posição loewitheana em relação ao seu problema fundamental: a aporia da dimensão originária e sua conseqüente controvérsia entre ambos.

- (3) Cf. p. ex. K. Loewith, Welt und Menschenwelt, em: Zur Kritik der geschichtlichen Existenz, Gesammelte Abhandlungen, Stuttgart (1960) 235.

Apesar de partir de outra posição crítica em relação a esta problemática cf. também neste sentido o ensaio filosófico de J. Habermas "Karl Loewiths stoischer Rueckzug vom historischen Bewusstsein". Cf. J. Habermas, Karl Loewith stoischer Rueckzug vom historischen Bewusstsein, em: Theorie und Praxis. Sozialphilosophische Studien, Darmstadt² (1967) 354.

qüentemente entendeu a história do pensar ocidental, inclusive o seu questionar para desvelar esta aporia, como inerente à mesma.

Loewith, ao contrário, nega tal determinação referente à dimensão originária, ou, segundo ele, tal posição mediativa procurando, assim, através de uma radical negação da história do pensar ocidental ou pelo menos da tradição judaico-cristã alcançar uma dimensão que corresponda a uma dimensão *não mediada*, a dimensão originária greco-romana, denominada pelo mesmo de *physis* (natureza). (4)

É isto significa duas coisas: primeiro, que Karl Loewith procura entender a dimensão originária de um modo mais direto, ou melhor, de uma maneira não mediada, como já afirmamos anteriormente; segundo que, quando este denomina sua filosofia como um pensar não mediado, deseja fazer na verdade uma crítica fundamental à própria reflexão heideggeriana.

Foi o pensar de Karl Loewith assim tão parcial em relação à história do pensamento ocidental, tanto procurou este fugir para uma dimensão que lhe deveria sobretudo assegurar *confiança* e *estabilidade*. O sentido de todo questionar filosófico deveria ser portanto, segundo Loewith, meditar sobre esta dimensão originária como *physis*, em suma: a dimensão originária como Karl Loewith teria julgado que os greco-romanos a pensaram.

Com isto porém participa Loewith, apesar de todas as suas diferenças entre este e o pensar heideggeriano, da necessidade de uma nova interpretação do *todo* da história do pensar ocidental. As censuras de tais interpretações é claro que não se coadunam, apesar de tudo, porém, leva-nos esta posição loewitheana em relação à aporia aqui mencionada, isto é, da necessidade de uma re-interpretação da história

(4) Neste sentido é necessário dizer que a tradução do termo grego *physis*, em latim "nasci" na verdade caracterizou todo o período greco-romano em relação à dimensão originária, porém não na conotação dada por Karl Loewith; após o período pré-socrático o conceito *physis* adquiriu cada vez mais uma conotação que correspondeu cada vez menos ao respectivo período. A respeito disso tem Max Muller a seguinte posição. Esta concepção loewitheana da dimensão originária como *physis* não corresponde na verdade ao conceito da dimensão última greco-romana como um todo, mas de fato, exclusivamente à experiência pré-socrática da mesma. Cf. p. ex. M. Muller, *Erfahrung, Bewegung und Gegenwart*, em: *Erfahrung und Geschichte. Grundzuege einer Philosophie der Freiheit als transzendente Erfahrung* (Sammlung schon zum Teil veroeffentlichter Schriften) Freiburg/Muenchen (1976) 46-49.

do pensamento ocidental, ou pelo menos, de uma parte desta, a uma proximidade altamente desconfortável em relação à filosofia de Martin Heidegger.

II) Loewith, Heidegger e a questão da dimensão originária como temporalidade, isto é, historicidade. (5)

Na introdução anterior tentamos elaborar, como já dissemos, uma curta, porém precisa análise da controvérsia existente entre Karl Loewith e Martin Heidegger sobre a problemática da dimensão originária. Agora procuraremos apresentar esta controvérsia de uma maneira mais detalhada através de uma pequena porém fundamental obra Loewithiana: "Heidegger: Denker in duerftiger Zeit". (6)

Neste trabalho assinala Loewith o seguinte: partindo em "Sein und Zeit" de uma análise da questão historial da existência humana (des Daseins), procurava Martin Heidegger superar a filosofia transcendental de uma maneira existencial-fenomenológica, para assim alcançar a dimensão originária em si mesma. Deste modo podemos afirmar que, segundo Loewith, o principal tema em "Sein und Zeit" seria a reelaboração do conceito do existir humano em relação à dimensão originária, mais precisamente, a dimen-

- (5) O uso do termo temporalidade, historicidade, se fundamenta neste nosso estudo na tradução feita pela Prof.^a Dr.^a Maria do Carmo Tavares de Miranda da expressão heideggeriana "Temporalitaet", "Geschichtlichkeit". Cf. neste sentido p.ex. Maria do Carmo Tavares de Miranda, Introduções e Anotações, em Martin Heidegger, Da Experiência do Pensar, Porto Alegre — (1969) 18.

E isto quer dizer. Temporalidade, historicidade significa ou significam para M. Heidegger nada mais nada menos do que a definição da dimensão originária como temporalidade e historicidade, em suma, é determinar a dimensão originária como acontecimento (Ereignis), isto é, compreendê-la como o desvelar do oculto, que aparece se encobrendo. Neste sentido cf. p. ex. M. Heidegger, Zur Sache des Denkens, Tubingen (1969) 20.

Devemos acrescentar, no entanto, que neste sentido este aparecer não possui em hipótese alguma uma conotação relativista em relação à dimensão originária, mas que este sempre acontecer é sempre presença, portanto sendo sempre um sempre permanecer. Temporalidade, historicidade, constitui ou constituem deste modo a *essência*, a *miesmidade* da dimensão originária.

- (6) K. Loewith, Heidegger — Denker in duerftiger Zeit, Goettingen³ (1965). Neste sentido é necessário dizer que diversas outras observações sobre esta problemática podem ser encontradas em quase todos os escritos filosóficos de Karl Loewith, mas que, no entanto, fluem para a mesma perspectiva.

são originária ficaria assim fundamentalmente relacionada com o problema *homem*.

E ainda mais: mesmo quando Heidegger procurava de uma maneira mais profunda entender essa dimensão originária em sua separata "Vom Wesen des Grundes" apareceria esta sempre em estreita relação de como se situaria este *ser de existência* em meio a almejada dimensão, mais precisamente: "blieb die Urspruenglichkeit in grundsatzlicher Rueckbezogenheit auf die Sorge, genauer auf das Sein des Daseins, konzipiert". (7)

Mais tarde com o que Heidegger chamaria de inversão (die Kehre), e isto significa neste sentido, desde as suas obras — "Vom Wesen der Wahrheit" e "Der Ursprung des Kunstwerkes" tentaria este pensar o que seria a dimensão originária, a dimensão em si mesma.

Em suma, Loewith nos tenta mostrar que Martin Heidegger procurou cada vez mais colocar a aporia da dimensão originária no *centro* do seu pensamento. Ele assinala, porém, ao mesmo tempo, que esta permaneceria sempre em meio da problemática da temporalidade, da historicidade, pois desde o começo, segundo Loewith, nada mudou, ou melhor, a dimensão originária que antes era interpretada a partir da *temporalidade* ou da *historicidade* da nossa existência, seria posteriormente refletida a partir da historicidade mesma. (8)

Se seguirmos com atenção este pensamento loewitheano logo nos aparece sua verdadeira *intenção*. Primeiro, que Karl Loewith não se interessa pela *continuidade* heideggeriana acima descrita, isto é, pela aporia do conceito de historicidade ou pelo *porque* da continuidade existente através desta no pensar heideggeriano, mas na verdade por um outro tipo de *continuum*, a saber: primeiramente que a dimensão originária como historicidade foi simplesmente

(7) R. de Amorim Almeida, Natur und Geschichte — Zur Frage nach urspruenglichen Dimension abendlaendischen Denkens vor dem Hintergrund der Auseinandersetzung zwischen Martin Heidegger und Karl Loewith, Meisenheim/Glan (1976) 132.

(8) Imutável permanece como sempre, afirma Loewith, a *fé*, a *esperança* na historicidade da dimensão originária, que tudo rege e abrange. Isto é, porém, continua Karl Loewith, apesar da decisão heideggeriana de ser no filosofar estritamente crítico, uma pura pressuposição do mesmo.

Loewith nega, portanto, que tal posição possa ser definida filosoficamente, pois, por ser a mesma meramente pressuposta não restou ao pensar de Martin Heidegger outra alternativa a não ser a de se identificar ou de se definir pela dimensão originária como historicidade, já que ele se tinha decidido aprioristicamente pela mesma.

pressuposta; segundo que o pensamento heideggeriano não tinha outra alternativa a não ser a de aceitar de uma maneira pura e simples esta definição, desde que este se decidiu *a priori*, melhor dizendo, de uma maneira irrefletida pela mesma.

Desta posição crítica, ou pelo menos assim julgada por Karl Loewith, surge então sua pergunta fundamental. Como ficaria este apriorismo heideggeriano se existisse alguma dimensão *além* de sua dimensão originária? Mais precisamente, se o infinito repetir da totalidade greco-romana é o fundamento de tudo, para onde deveria dirigir então todo o nosso questionar filosófico? É portanto absolutamente necessário, afirma Loewith, que retornemos à dimensão originária como *physis*.

Neste sentido é interessante observar que Karl Loewith apesar de todo o seu *criticismo* em relação a Martin Heidegger assume, por assim dizer, a mesma por ele chamada ingenuidade heideggeriana, no momento em que tenta nos mostrar que a definição da dimensão originária como historicidade teria sido, por uma simples lógica de alternativa, aprioristicamente determinada. Em suma, no momento em que Karl Loewith se recusou a aceitar a definição da dimensão originária como historicidade, porque esta teria sido simplesmente postulada, colocou-se, sem perceber, da mesma forma, ao lado dessa todo poderosa dimensão, a dimensão da *physis*. Isto apesar de sua categórica afirmação de que esta não deveria e não poderia ser simplesmente aceita através de um negar ou afirmar a determinação da dimensão originária como historicidade (como foi o caso heideggeriano segundo Karl Loewith), mas sim de que esta dimensão, a dimensão originária como *physis* só pode e só deve existir a partir de sua essência mesma (9). Assim sendo, tanto a hipotética pergunta (em que situação iria ficar a definição heideggeriana sobre a dimensão originária se existisse uma dimensão anterior à mesma), como o postulado (é absolutamente necessário regressar a infinita repetição da totalida-

(9) Seria aconselhável também afirmar que, segundo Loewith, a dimensão da *physis*, que tudo abrange, rege e está sempre presente, como dissemos anteriormente, não significa ou não quer dizer simplesmente uma dimensão anti-historicista, mas exatamente o contrário, porque ela tudo abrange, rege, e sempre está presente, deve fundamentar a história (História) como parte desta totalidade. Em resumo, a concepção de história deve e necessita, segundo Loewith, corresponder em sua estrutura à estrutura da *physis*, estrutura do infinito repetir de eterna totalidade, em síntese, a estrutura cíclica.

de greco-romana) parecem se integrarem Loewith numa única afirmação.

Finalmente devemos dizer que, com esta afirmação, aspirava Karl Loewith nada mais nada menos do que fundamentar sua independência, independência principalmente em relação a Heidegger. Esta reivindicação, diríamos melhor pretensão loewitheana, dá-lhe hoje em dia, porém, entre todos os discípulos de Martin Heidegger em relação à pergunta filosófica (a dimensão originária como a questão filosófica fundamental) um lugar todo especial.

Se quiséssemos entretanto julgar Martin Heidegger exclusivamente através desta interpretação, da interpretação loewitheneana, ficaria um estudo sobre o mesmo bastante a desejar. Fundamentalmente podemos e devemos afirmar neste sentido, que Karl Loewith não somente não se interessa pelas verdadeiras causas das *diversas* etapas do pensar heideggeriano, como também não coloca em questão a fundamental importância do termo temporalidade, isto é, historicidade na filosofia de Martin Heidegger. Um aprofundamento sobre esta problemática seria no entanto da mais alta relevância.

III) Sobre a questão da dimensão originária como *physiologia*.

Karl Loewith, que se iniciou como pensador a partir de uma posição crítica em relação a Martin Heidegger, isto é, que a definição da dimensão originária heideggeriana teria sido simplesmente pressuposta, formulou sistematicamente pela primeira vez o seu conceito do infinito repetir da eterna tonalidade, seu conceito da dimensão originária como *physiologia*, em sua obra "Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen" (10). Nesta sua obra faz Loewith a seguinte advertência: o movimento nietzscheneano do infinito repetir da eterna totalidade contém ainda um caráter epocal, pois no momento em que Nietzsche se colocou à frente do movimento anti-judáico-cristão do século 19 tentou repetir, sem se aperceber, de uma maneira mediada, a posição greco-romana. Este caráter histórico foi, porém, continua Karl Loewith, nesse mesmo trabalho, o motivo do fracasso nietzscheneano, pois enquanto em Heráclito, o homem pré-socrático se *integrava* na lei cósmica da natureza (*phy-*

(10) K. Loewith, Nietzsche, Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen, Stuttgart² (1956).

sis) porque só a partir desta posição poderia este compreender sua própria existência, procurava Nietzsche a compreensão desta integração, isto é, o caminho para esta lei cósmica através de uma existência (posição) já tornada sem sentido, e que na verdade resultava da consciência do homem do século 19, de que o Deus judaico-cristão estaria morto (11).

Em suma, Nietzsche tentou repetir a posição greco-romana à frente de um movimento, do movimento anti-judaico-cristão do século 19. Segundo Loewith, porém, pode existir uma antiga ou moderna *physiologia*, no entanto nunca uma antiga ou moderna *physis*. Ou, segundo suas próprias palavras, a expressão *physis* correspondeu na verdade a uma característica fundamental do mundo greco-romano, mas quem pode nos afirmar sem mais nem menos, que nós não vivemos ainda em tal dimensão... pois não pressupõem ainda hoje todos os cientistas, os modernos biólogos, por exemplo... que o mundo natural possui uma tão maravilhosamente racional e que o homem estando nela integrado, só por isso, tem a possibilidade de apreendê-la" (12).

O grande erro nietzscheneano, por assim dizer, teria sido, segundo Karl Loewith, o seguinte: No momento em que Friedrich Wilhelm Nietzsche tentou readquirir a posição greco-romana à frente do movimento histórico do século 19, não retornou à posição da antiguidade ocidental, mas se deixou envolver pela aporia de uma determinada época, a época anti-judaico-cristã dos séculos 19. O fracasso de Nietzsche tornar-se-ia, como se tornou para Karl Loewith desde então, um fato absolutamente irremediável (13).

Apesar de tudo podemos dizer com toda a certeza que a simpatia por parte de Karl Loewith em relação a Nietzsche é um fato consumado, ou segundo o próprio Loewith: "Se algum filósofo historicista, no auge dos tempos modernos, chegou a pensar tão profundamente... então foi sem dúvida alguma Friedrich Wilhelm Nietzsche quando então procurou reintegrar o homem na eterna lei do mundo natu-

(11) Cf. p. ex. a respeito *ibid.*, 123-124.

(12) K. Loewith, *Wissen, Glauben und Skepsis*, Goettingen³ — (1962) 76. Tradução do autor.

(13) Esta problemática pode ser também facilmente reconfirmada através de, por exemplo, duas outras obras de Karl Loewith. Cf. neste sentido K. Loewith, J. Burckhart — *Der Mensch inmitten der Geschichte*, Stuttgart² (1968), assim como Von Hegel zu Nietzsche. *Der Revolutionaere Bruch im Denken des 19. Jahrhunderts*, Stuttgart⁵ (1964).

ral" (14). Mais precisamente, apesar de o pensar atual não poder apreender desta filosofia, da filosofia de Friedrich Wilhelm Nietzsche, nenhum resultado definitivo pode no entanto compreender através da mesma *determinadas questões fundamentais*, em relação à problemática da dimensão originária, surgidas com a afirmação de que o Deus judaico-cristão estaria morto. Esta posição, por assim dizer loewitheneana, nos leva porém a uma aporia fundamental. Por que seria esta tentativa por parte de Karl Loewith agora possível, quando em Nietzsche ela se revelou ou se apresentou como irrealizável e por isso conseqüentemente fracassou? Não apreende Loewith, tanto quanto Nietzsche, a problemática judaico-cristã, ou melhor, a aporia da dimensão originária greco-romana através de uma controvérsia entre este e Martin Heidegger, recaindo portanto no mesmo fracasso epocal nietzscheneano? Ou melhor, não experimenta Karl Loewith esta sua fundamental atitude em relação ao pensamento judaico-cristão — pelo menos assim julgada pelo mesmo — também através de uma lógica da alternativa, através de uma fundamental escolha entre um pensar e um não-pensar historial, e que se revela, segundo este, como o *grande erro heideggeriano*? Este, digamos, "quase" ingênuo modo de filosofar em relação ao problema *dimensão originária e historicidade* em Martin Heidegger é que nos leva o mais próximo possível do verdadeiro *cerne* do pensar loewitheneano (15).

IV) A superação da tradição judaico-cristã como tentativa de anular definitivamente a historicidade do pensar ocidental.

Pelo que já dissemos sistematicamente nos parágrafos anteriores a tese de Karl Loewith em relação à nossa problemática é a seguinte: O nosso pensar, tendo como fundamento o conceito de historicidade, temporalidade, não pode jamais alcançar a dimensão originária-greco-romana, a dimensão da *physis*. Esta tese tem como ponto de partida a premissa de que, vindo a historicidade da tradição judaico-cris-

(14) K. Loewith, Nietzsche Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen, Stuttgart² (1956) 95. Tradução do autor.

(15) A respeito desta problemática cf. por exemplo, o livro do autor — Natur und Geschichte — Zur Frage nach der ursprünglichen Dimension abendländischen Denkens vor dem Hintergrund der Auseinandersetzung zwischen Martin Heidegger und Karl Loewith, Meisenheim/Glan (1976) 139.

tã, não pode em hipótese nenhuma corresponder ou encontrar correspondência no pensamento greco-romano. Assim, sendo, procura Karl Loewith, em seu livro "Weltgeschichte und Heilsgeschehen", reconduzir de uma maneira explícita as origens de tal aporia à tradição judaico-cristã, aspirando deste modo poder anulá-la definitivamente (16). E correspondendo a isto afirma Loewith nesta sua obra o seguinte: "Certamente não foi nenhuma cultura pagã, mas a tradição judaico-cristã, que nos trouxe tal revolução. O ideal da ciência moderna de dominar a natureza e o ideal do progresso, não aparecem nem no mundo clássico, no mundo greco-romano, nem no oriente, mas na verdade no ocidente" (17). Se lermos no entanto com bastante atenção esta frase veremos que a mesma contém uma sublatente, porém fundamental, crítica a Martin Heidegger, pois este sempre questionou esta tradição, a tradição do pensamento ocidental como *inerente* à dimensão originária, movendo-se assim, segundo Loewith, continuamente em meio do pensar judaico-cristão, mesmo quando este achava que o seu pensar era fundamentalmente pré-socrático. Na verdade, diz Loewith, permaneceu ainda o pensamento heideggeriano tão extremamente ligado à tradição judaico-cristã, que era praticamente impossível, através do mesmo, alcançar a dimensão da *physis* assim como os antigos, os greco-romanos a entenderam. E isto quer dizer que o interesse de Karl Loewith não era tanto repensar o "por quê" das fundamentais *mudanças* do pensar heideggeriano, mas de fato esclarecer que neste pensamento a definição heideggeriana da dimensão originária como historicidade teria tido a sua origem numa parte da tradição do pensar ocidental, mais precisamente na tradição do pensar judaico-cristão (18).

(16) Seria aconselhável lembrar que este esforço e tentativa de uma *radical negação* por parte de Karl Loewith da tradição judaico-cristã, *equivale*, em certo sentido, ao esforço e tentativa heideggeriana de superar a tradição metafísica. A diferença, é claro, é que esta superação, apesar de seu nome, encontra fundamento na positiva intenção de que a metafísica, assim como sua conseqüente superação, são *inerentes* à dimensão originária, enquanto que a *negação* loewitheana em relação ao pensar judaico-cristão possui um efeito especialmente negativo.

(17) K. Loewith, Weltgeschichte und Heilsgeschehen. Die theologischen Voraussetzungen der Geschichtsphilosophie, Stuttgart⁵ (1967) 185. Tradução do autor.

(18) Na verdade o pensamento judaico-cristão, e isto significa a historicidade no pensar, não pode ter a aprovação loewitheana, porque este transcende o conhecimento natural, fundamentando-se, portanto, se-

Loewith que, desta maneira, se mostra tão seguro em relação ao pensar não historial, não quer, em hipótese alguma, questionar a dimensão originária de um modo historial ou mediativo. Com isso surge porém, um problema fundamental que somos obrigados a colocar em questão. Como é possível que a dimensão originária apareça, ou mesmo possa ser questionada, quando qualquer possibilidade de mediação, qualquer historicidade nos é radicalmente negada?

Esta aporia será agora levada por nós em questão não em sua realização concreta, mas em sua possibilidade fundamental.

V) Transcendência e Alienação

Até o presente momento tentamos abordar a aporia do pensamento loewitheneano como uma problemática que se esforçando por anular o pensar judaico-cristão tenta questionar de uma maneira direta, não-mediada, a dimensão originária greco-romana, a dimensão da *physis*.

A partir de agora, no entanto, tentaremos colocar como questão fundamental a relação existente entre esta dimensão, a *dimensão da physis e o homem*.

Os estudos filosóficos de Karl Loewith, que contribuíram de algum modo neste sentido, podem ser resumidos da seguinte maneira: Loewith afirma que, vindo tudo da dimensão originária, da *physis*, inclusive o próprio homem como uma criatura pertencente à mesma, deveria este (como na verdade acontece, segundo ele) também estar nela inserido, integrado (19). E isto significa que o homem é para ele nada mais nada menos do que um simples ser que se encontra

gundo Karl Loewith, na providência divina (no pensar escatológico), ou na sua forma secularizada (no pensar teleológico), de uma compreensão da dimensão originária.

- (19) Neste sentido é absolutamente necessário dizer que o pensar loewitheneano representa atualmente uma das mais ousadas tentativas, não somente de reintegrar o homem na dimensão da *physis*, como esta em relação a este. Significantes são, por exemplo, os seguintes títulos: "Mensch und Geschichte"; "Natur und Humanitaet des Menschen"; "Die Sprache als Vermittler von Mensch und Welt"; "Welt und Menschenwelt", em: K. Loewith, *Gesammelte Abhandlungen. Zur Kritik der geschichtlichen Existenz*, Stuttgart (1960).

Juergen Habermas afirma em relação a essa problemática também o seguinte. Cf. J. Habermas. op. cit., 361: "Loewith, in dieser Hinsicht gewiss der Empfindlichste, versucht die Integration des Menschen in Natur gleichwohl durch eine humanistische Verklärung der Natur selbst zu sichern."

ou se situa em meio à natureza, pertencendo conseqüentemente a esta, em suma, o que nós temos é na verdade um ser com imutáveis características naturais (20).

Loewith afirma, porém, que, ao mesmo tempo que o homem é, no seio desta dimensão originária como *physis*, na verdade, um paradoxo, isto é biologicamente um enigma e filosoficamente um ser que se supera, pois o homem questiona o mundo e se coloca portanto assim, ele mesmo, em questão. (21) O homem como ser que se questiona transcendendo deste modo o mundo, mais precisamente, como um ser que coloca o mundo em questão, é ele ao mesmo tempo um estranho em relação a este, falando heideggerianamente, um ser de distância, ou seguindo as palavras do próprio Karl Loewith, que o mundo pudesse produzir tal ser “é na verdade uma aporia tão enigmática como o paradoxo teológico, de que um Deus pudesse criar um ser, que tivesse a liberdade de se colocar contra Este ou Deste se desviar.” (22) O homem como um ser que questiona, ou melhor, integrá-lo novamente no seio da dimensão originária como *physis*, e assim resolver o problema do enigma homem parece ser, ao que tudo indica, a principal meta loewitheneana.

Neste sentido dois momentos podem ser observados: primeiro, que como ser do mundo pertence este fundamentalmente ao mesmo, mais precisamente, a este mundo natural; segundo, que como um ser que o transcende (porque o questiona) ele o é neste um estranho enigma.

Na verdade não é fácil acompanhar o movimento do pensar loewitheneano, pois se por um lado adquire o homem sua característica fundamental no momento em que este coloca a dimensão originária como *physis*, o mundo natural em questão, transcendendo-o, deste se alienando, por outro lado recoloca-o esta transcendência, esta alienação novamente no seio da dimensão, do mundo natural ao qual pertence.

O homem transcende deste modo a *physis*, a natureza, ao mundo natural ao qual pertence, que ao mesmo tempo, no entanto, permanece impossível de ser ultrapassado. Am-

(20) A respeito disto devemos assinalar o seguinte: se o pensamento de Karl Loewith, ou melhor, sua filosofia em relação a esta problemática fosse esgotar-se nesta tese, poderíamos facilmente denominá-la de *naturalista*, porque seria o homem sem dúvida alguma reduzido, na verdade, a um simples fenômeno natural.

(21) Cf. p. ex. neste sentido K. Loewith, *Natur und Humanität des Menschen*, em: *Gesammelte Abhandlungen. Zur Kritik der geschichtlichen Existenz*, Stuttgart (1960) 196.

(22) Cf. também a respeito disto *ibid.*, 186. Tradução do autor.

bos os momentos são portanto neste sentido da mais alta importância. Primeiro, porque esta transcendência aliena o homem do mundo natural, ou melhor, da dimensão da *physis*; segundo, porque ela mesma o remete de volta. E o que quer dizer isto: acontece neste sentido uma ou duas transcendências? Mais precisamente, assim como o homem transcende o mundo natural, este por sua vez o ultrapassa. Teríamos então aqui ao todo duas ou três transcendências? Enigmas sobre enigmas e questões sobre questões...

VI) Considerações finais.

Não foi nossa intenção apresentar neste estudo filosófico uma detalhada reflexão do pensar loewitheneano ou dos diversos estudos sobre os mais diferentes pensadores feito pelo mesmo. Na verdade queríamos *de facto* apresentar nessa nossa análise a posição de Karl Loewith em relação ao seu problema fundamental, a aporia da controvérsia entre Karl Loewith e Martin Heidegger. Como já procuramos dizer anteriormente, o pensamento loewitheneano parece se dividir em relação à problemática entre o homem e o mundo natural, no mínimo em dois momentos, embora Karl Loewith fundamentalmente fale de um só momento, assim como Friedrich Wilhelm Nietzsche o fez...

De qualquer maneira deve ser dito que nossa interpretação tem como fundamento um importante trecho de Karl Loewith: "O acaso de todo existir se torna de fato um problema quando a fé na *providência divina* ou na sua forma secularizada de uma escatológica compreensão da dimensão originária for realmente colocada em questão. Em suma, o enigma do acaso 'homem' não encontrará nunca uma solução enquanto o homem por si mesmo não se sentir integrado na infinita totalidade do eterno repetir da *physis*?" (23) Este trecho nos leva portanto a supor que o acaso do *ser-homem*, de ser o que o é em meio da natureza, em meio da *physis*, seria deste modo dependente pelo menos de dois movimentos: Primeiro, devido a um movimento alienatório em relação à natureza; segundo, que a solução da casualidade do enigma homem, isto é, sua possibilidade de integrá-lo no-

(23) K. Loewith, *Nietzsches Philosophie der ewigen Widerkehr des Gleichen*, Stuttgart² (1955) 193.

vamente em meio do mundo natural, só pode ser alcançado através de um segundo movimento de regresso a este (24).

Se Karl Loewith porém deseja de fato levar a sério este seu segundo movimento, e isto significa o regresso do homem à dimensão originária como *physis*, então este não se alienará, não se distanciará, através do chamado primeiro movimento, totalmente desta dimensão como um todo, mas na verdade, digamos, somente de um aspecto da mesma, isto é, o homem se igualaria neste sentido a um *viandante* que, dando alguns passos em uma passagem, permaneceria, no entanto, pela mesma sempre envolvido. (25)

Foi este o pensar loewitheneano, então permaneceria o homem do princípio ao fim sempre envolvido por esta passagem, sem jamais transcendê-la, e conseqüentemente jamais seria um estranho à mesma, estritamente falando somente por momentos de si mesmo. E isto significa que Karl Loewith procurava não somente reaver o significado da dimensão originária como *physis*, mas também a *natural* importância do homem em seu contexto.

Esta interpretação nos parece bastante confusa, pois enquanto a dimensão da *physis* permanecer, por assim dizer, uma moldura sem quadro, sem conteúdo, não alcançará esta jamais a meta acima desejada, e conseqüentemente aquela fundamental integração entre o homem e a *physis*, que, hegelianamente falando, poderia ser denominada simplesmente de *síntesc*.

(24) A respeito dessa problemática deve ser observado o seguinte. Como é possível que o homem, que só pode se tornar o que ele o é verdadeiramente, segundo Loewith, através de um se alienar, se distanciar do mundo natural, possa se integrar novamente com o mesmo, quando esta integração só pode ser alcançada através da própria negação de si mesmo, ou melhor, do ato que o faz, o que ele o é. Teríamos aqui de fato o que se poderia denominar de integração? É claro que estamos conscientes de que com isto o *problema* em relação ao homem como enigma desapareceria, uma solução porém de fato para esta problemática, não o seria...

(25) Cf. p. ex. neste sentido S. Hosoya, *Zwischen Natur und Geschichte — Eine unzulässige Semerking zu K. Loewith*, em *Natur und Geschichte*. Karl Loewith zum 70. Geburtstag, Stuttgart (1967) 172.